

Resumo: Ao ser convidado pela Universidade de Princeton para participar das Tanner Lectures com dois ensaios filosóficos, J. M. Coetzee surpreendeu a todos apresentando duas narrativas intituladas “Os filósofos e os animais” e “Os Poetas e os animais”, que juntas compõem o romance *A vida dos animais*. Neste artigo, propomos análise desse romance, a partir das relações estabelecidas entre “ética” e “razão”, tendo como ponto de partida os argumentos desenvolvidos pela protagonista das duas narrativas: Elizabeth Costello.

Palavras-chave: razão; ética; *pathos*.

Abstract: When invited by the University of Princeton to participate of Tanner Lectures with two philosophical essays, J. M. Coetzee surprised everyone presenting two narratives entitled “The Philosophers and the Animals” and “The Poets and the Animals”, which compose together the novel *The Lives of Animals*. In this article, we propose an analysis of this novel from the established relationships between “ethics” and “reason”, taking as a starting point the arguments developed by the main character of both narratives: Elizabeth Costello.

Keywords: reason; ethics; *phatos*

Introdução

Nesta ocasião, porém não tenho certeza de poder dizer que tenho a razão em comum com meu oponente. Não se a razão constitui a base de toda a tradição filosófica a que ele pertence, que vem desde Descartes e, além de Descartes, desde Aquino, e Agostinho, e os estóicos e Aristóteles. Se a única coisa que tenho em comum com ele é a razão, e se essa razão é o que me distingue do bezerro, então eu agradeço, mas muito obrigada, prefiro conversar com outra pessoa. (COETZEE, 2002, p. 80)

É com essa passagem proferida por Elizabeth Costello em sua última participação em Appleton que abrimos este artigo, cuja pretensão é tecer algumas considerações sobre as relações estabelecidas entre “ética” e “razão”, em *A vida dos animais*, de autoria do Prêmio Nobel J. M. Coetzee. Quando Coetzee foi convidado para participar das Tanner Lectures, proferidas na Universidade de Princeton, em 1997-8, surpreendeu a todos, pois, ao invés de propor ensaios filosóficos como era esperado dos participantes, ele criou duas narrativas ficcionais intituladas “Os filósofos e os animais” e “Os poetas e os animais” – adotando uma forma que se distingue muito da habitual. As duas estão relacionadas entre si e têm como tema central uma questão ética (como todas as intervenções das Tanner Lectures): a forma

¹ Doutoranda em Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM; bolsista CAPES.

como os seres humanos tratam os animais.

Agrupadas sob o título de *A vida dos animais*, essas duas narrativas compõem um romance cuja personagem central é Elizabeth Costello, uma romancista australiana, que foi convidada a ministrar palestras no Appleton College, nos Estados Unidos. As palestras proferidas por Costello convertem-se, então, em palestras dentro das palestras de Coetzee, parecendo com uma casa de espelhos, uma *mise en abîme*, que, além de apresentar as palestras, apresenta também discussões, réplicas, contra-argumentos de personagens pertencentes ao cenário acadêmico que se sentem muito desconfortáveis com os pronunciamentos de Elizabeth. Assim, a própria narrativa já antecipa as críticas que provavelmente receberá, e as responde, embora nem sempre de maneira inteiramente satisfatória e inquestionável.

Elizabeth Costello, uma vegetariana convicta, viaja a convite do Appleton College para proferir a Palestra Gates anual e realizar um encontro com estudantes de literatura. Durante os três dias que dura a sua estadia, ela fica hospedada na casa de seu filho Jonh Bernard, que atua como professor assistente de física e astronomia no Appleton College. Jonh é casado com Norma, Ph. D. em filosofia que não consegue trabalho como professora, e com ela tem dois filhos pequenos. A relação entre Norma e Elizabeth é conturbada, estabelecendo-se ao longo do romance uma espécie de “competição” entre as duas. Mas qual seria o prêmio? Talvez Jonh que tenta equilibrar-se entre elas, ora defendendo a mãe ora torcendo para que a visita a Appleton termine logo e sua vida possa voltar à normalidade. Ou, talvez, o prêmio seja algo maior: a resolução de um embate entre filosofia (a Ph. D. Norma) e literatura (a romancista Costello), mas esse embate também não se resolve. Norma aponta as falhas presentes na argumentação que a sogra desenvolve ao longo de suas palestras - denominando-as de “discussões pseudofilosóficas” (COETZEE, 2002, p. 81) -, enquanto defende a razão como verdade universal válida para todas as situações. Costello questiona a razão enquanto uma estrutura argumentativa desenvolvida pela filosofia, apontando para algo que não pode ser racionalmente aprendido, algo que não é perceptível através de conceitos, mas sim através da sensibilidade: a literatura.

Esse embate estabelecido entre filosofia e literatura encontra-se marcado também na organização e no título das duas narrativas que compõem o romance: “Os filósofos e os animais” e “Os poetas e os animais”. Analisemo-nas, então, de forma separada, para que ao final possamos estabelecer relações entre elas e integrá-las, uma vez que, tendo a mesma

discussão ética, cremos, é isso que se espera do leitor ou do ouvinte (no caso das Tunner Lectures) de *A vida dos animais*.

“Os filósofos e os animais”: razão X *pathos*

Na primeira narrativa (“Os filósofos e os animais”), podemos identificar na palestra proferida por Costello dois argumentos principais que norteiam a sua fala. O primeiro estrutura-se a partir da comparação que Costello faz de si mesma com a personagem Pedro Rubro do texto “Um relato a uma academia”, de Franz Kafka (lembramos da casa de espelhos mencionada ao início desse artigo – uma narrativa dentro de outra narrativa – é o que acontece também nessa passagem). Mas o que significa essa comparação com Pedro Rubro? Qual o valor dela? A primeira relação estabelecida a partir dessa comparação parte da necessidade de Costello de sujeitar a sua fala à razão, ao discurso racional. Citando uma fala de Pedro Rubro, Elizabeth assim se justifica: “Será que de fato tenho escolha? Se não sujeitar meu discurso à razão, seja lá o que for a razão, o que me resta senão falar bobagens, me emocionar, derrubar o copo de água e fazer macaquices?” (COETZEE, 2002, p. 29).

A necessidade de recorrer ao discurso racional, de construir argumentos para defender a questão central de seu discurso (a forma como os seres humanos tratam os animais) deve-se à tentativa de Costello de encontrar um meio de comunicar o que deseja, tocando o que o homem aponta como sua distinção dos demais animais: a razão.

Quero encontrar um jeito de falar com meus semelhantes humanos que seja calmo e não inflamado, filosófico e não polêmico, que traga iluminação e não divisão entre puros e pecadores, redimidos e danados, carneiros e bodes.

Eu tenho acesso a essa linguagem, eu sei. É a linguagem de Aristóteles e Porfírio, de Agostinho e Aquino, de Descartes e Bentham, de Mary Midgley e Tom Regan em nossos dias. É uma linguagem filosófica que podemos usar para discutir e debater que tipo de alma têm os animais, se eles possuem razão ou se são, ao contrário, autômatos biológicos, se têm direitos em relação a nós ou se simplesmente temos deveres em relação a eles. Tenho acesso a essa linguagem e de fato vou recorrer a ela em alguns momentos. Mas o fato é que se vocês quisessem alguém para vir aqui lhes traçar uma distinção entre alma mortal e alma imortal ou entre direitos e deveres, teriam chamado um filósofo, não uma pessoa cuja única atividade digna de atenção é ter escrito histórias sobre pessoas inventadas. (COETZEE, 2002, p. 27-28)

O emprego do discurso racional conduz Costello pela oposição racional X irracional, na qual o homem, enquanto animal, distingue-se dos demais animais por ser portador da

razão. Mas que razão é essa? Costello promove um ataque à razão que é usada como argumento para definir o humano e excluir o animal – antropocentrismo -; uma razão que tem como característica a exclusão do domínio do *pathos* (da paixão, da emoção, do sentir) e dos conhecimentos que não podem ser racionalizáveis, uma vez que o que não é incorporável pela razão não é analisável. Essa razão é apresentada pela protagonista como insuficiente para julgar a relação humana com os demais animais, uma vez que o homem se reconhece como um animal, porém apresenta a razão como critério que o diferencia dos animais, e através desta razão busca julgar a animalidade dos outros seres, empregando categorias como “mais inteligente” ou “menos inteligente” para classificar esses seres de acordo com uma racionalidade que sabe ser apenas sua. Costello reconhece que a razão “não é a essência do universo, nem a essência de Deus. Ao contrário, e de forma bem questionável, a razão parece ser a essência do pensamento humano; pior ainda, a essência de apenas uma tendência do pensamento humano” (COETZEE, 2002, p. 29), mas sabe que terá de recorrer ao discurso dos velhos filósofos em sua fala para tocar sua platéia, para se fazer compreender, ou então lhe restará apenas “fazer macaquices”.

De acordo com Paz (1984), a razão foi erigida como pedra fundamental da Era Moderna. Na Modernidade, “a razão surgiu como um princípio suficiente: idêntica a si mesma, nada a fundamenta a não ser ela própria e, portanto, é a base do mundo” (PAZ, 1984, p. 46). Fundamentada na razão, a sociedade moderna buscou explicar o mundo e seus mistérios – antes atributo divino – na tentativa de alargar as margens de segurança e de certeza dos indivíduos, de erigir-se sobre pilares “verdadeiros”. A razão foi posta no lugar de Deus, convertendo-se na faculdade que dá acesso aos segredos do universo, na organizadora e reguladora da vida pública. Dessa condição “soberana” e inquestionável concedida à razão é que provêm muitas das críticas feitas por Costello ao longo de sua argumentação:

O fato de que graças à razão se possa chegar a compreender as leis que regem o universo demonstra que a razão e o universo têm a mesma essência. E o fato de que os animais, não tendo razão, não possam compreender o universo, mas devam limitar-se a obedecer cegamente suas leis, demonstra que, diferentemente do homem, eles fazem parte dele, mas não parte do seu ser: demonstra que o homem é como deus e os animais, como coisas. (COETZEE, 2002, p. 28-29)

Chegarmos, então, à Pós-Modernidade – ou Contemporaneidade, como muitos autores preferem denominar - cuja definição, segundo Perrone-Moisés (1998), oscila, de autor a autor, entre o estabelecimento de uma periodização histórica precisa (há uma espécie de consenso sobre o início ter ocorrido depois da Segunda Guerra Mundial), uma descrição de traços de

estilo, ou uma enumeração de posturas filosóficas e existenciais: “O conceito de Pós-Modernidade, que tem ocupado os teóricos das últimas décadas, é um conceito frágil, impreciso, paradoxal” (PERRONE – MOISÉS, 1998, p. 179). A Pós-Modernidade (ou Contemporaneidade) está sendo feita agora, por isso é indeterminada. Além disso, ela não se distingue nitidamente da Modernidade, “tendo apenas levado a um extremo dissolvente a proposta daquela. A Pós-Modernidade pode ser vista como apenas mais uma etapa da Modernidade, convalescença para uns, doença senil para outros” (PERRONE-MOISÉS, 1998, 189). A partir dessa indistinção, dessa manutenção de muitas características já estabelecidas pela Modernidade, encontramos a manutenção da razão como um dos traços centrais que norteia a postura dos indivíduos e as suas relações sociais na Pós-Modernidade.

Nesse meio, o escritor contemporâneo (seja Coetzee ou sua personagem, a romancista Costello) “precisa conquistar seu espaço, segundo a situação, com diferentes armas: as da sensibilidade estética, as do pensamento e as do sentido ético. Pensar, sabendo onde precisa parar de pensar; dar forma e expressão aos sentimentos, porém no limite do rigor clássico que procura harmonizar emoções e entendimento” (ROSENFELD, 2010). E é esse o movimento que podemos perceber, tanto no texto de Coetzee quanto nas falas de Costello: a busca do entendimento através do emprego do discurso racional acompanhado da sensibilidade estética.

O segundo argumento empregado por Costello é a comparação do Holocausto a um matadouro:

Vou falar abertamente: estamos cercados por uma empresa de degradação, crueldade e morte que rivaliza com qualquer coisa que o Terceiro Reich tenha sido capaz de fazer, que na verdade supera o que ele fez, porque em nosso caso trata-se de uma empresa interminável, que se auto-reproduz, trazendo incessantemente ao mundo coelhos, ratos, aves e gado com propósito de matá-los. (COETZEE, 2002, p.26-27)

Esse argumento empregado pela protagonista busca entrar em contato com possíveis falhas de percepção que os indivíduos têm em relação ao outro. Costello diz: as pessoas que moravam próximo aos campos, onde milhares de judeus foram torturados e mortos, disseram que não sabiam o que acontecia nesses lugares e que, embora fossem capazes de imaginar, não tinham certeza. Apesar de dizerem que podiam ter sabido, elas argumentaram que não podiam se permitir saber para se preservar. Essa desculpa (de que não podiam se permitir saber para se preservar), essa cegueira (in)voluntária, como aponta a protagonista, é por nós recusada, uma vez que se torna insuficiente como justificativa, tendo em vista os horrores que foram cometidos nos campos em todo o Reich.

Costello, então, estabelece uma relação entre escolher ignorar, preferir não saber o que acontecia nos campos para onde os judeus eram levados e o processo de criação e abate de animais para o consumo humano. Os animais, cujo destino é tornarem-se alimento, são tratados, de acordo com a protagonista, como meros objetos dos quais dispomos sem considerar seu sofrimento, ou mesmo seu ser, enquanto “outro” exterior a nós. Da mesma forma que os moradores ao redor dos campos, para os quais os judeus eram levados, preferiam não saber do sofrimento dos que lá estavam, os indivíduos ao comprarem carne nos estabelecimentos comerciais preferem ignorar a maneira como esse pedaço de carne constituía-se em outro indivíduo, criado sob condições que normalmente consideraríamos como torturantes se fossem estendidas a outros seres humanos. Por que preferimos ignorar o que acontece todos os dias com os animais se, no entanto, nos chocamos com o que aconteceu com os judeus nos campos nazistas?

A resposta a essa pergunta quem nos dá é Costello: escolhemos não saber por que os julgamos irracionais e, por isso, inferiores. Ao estabelecermos a razão como critério que nos distingue dos animais, passamos a considerá-los inferiores, e devido a isso acreditamos poder dispor de suas vidas e de suas existências. A razão, enquanto a “essência de apenas uma tendência do pensamento humano”, não nos oferta a possibilidade de descrever o que se sente quando se observa outro ser que não sou eu, outra criatura diferente de mim e que também faz parte da existência, que também está viva e repleta de sensações. Essa impossibilidade da razão de transformar em conceito essa sensação é o que instiga Costello a apontar sua insuficiência enquanto princípio classificador dos seres e enquanto estrutura argumentativa que conduz a uma tomada de postura dos homens frente a determinadas situações (nesse caso, frente aos animais):

Ao ato de pensar, à cogitação, oponho a plenitude, a corporalidade, a sensação de ser – não uma consciência de si mesmo como uma espécie fantasmagórica de máquina raciocinante pensando pensamentos, mas, ao contrário, a sensação – uma sensação pesadamente afetiva – de ser um corpo com membros que têm uma extensão no espaço, de se estar vivo no mundo. (COETZEE, 2002, p. 41)

O que devemos incluir em nossa humanidade? O que podemos matar? O critério de ser ou não portador de razão mostra-se (ou pelo menos deveria mostrar-se) insuficiente para responder a essas questões. A resposta estaria, de acordo com Costello, no *phatos*, ou melhor, no *simpathos* (na compaixão, na simpatia), isto é, no reconhecimento desse ser vivo que não sou eu, na percepção desse outro como um ser pleno de vida, na correspondência eu-outro na

qual ambos partilham de um sentimento, de uma sensação. Entretanto, os indivíduos encontram certa dificuldade para demonstrar simpatia ou mesmo entender a perspectiva do outro, uma vez que quando se racionaliza o contato com o outro, acaba-se por abstrair o sentimento. Dessa maneira, torna-se mais difícil perceber o outro enquanto ser, enquanto algo pleno em oposição à percepção abstrata da razão. O discurso racional filosófico não é capaz de explicar esse encontro entre eu-outro, não é capaz de despertar esse reconhecimento, entretanto, de acordo com a protagonista, a literatura é capaz de desempenhar esse papel. Passemos, então, às considerações sobre a segunda narrativa.

“Os poetas e os animais”: perceber o ser além da razão

A segunda narrativa encontra-se como uma continuação da primeira, pois muitas das considerações tecidas no primeiro momento pela protagonista serão novamente afirmadas e relacionadas com as afirmativas feitas na segunda palestra. Em “Os poetas e os animais”, não temos acesso a toda a fala de Costello - ao contrário da palestra proferida na narrativa anterior, presente na íntegra-, mas somente ao trecho final no qual ela responde algumas perguntas dos alunos que acompanharam a sua palestra sobre o poema “A pantera”, de Rilke, e sobre os poemas “O jaguar” e “Um segundo olhar para o jaguar”, de Ted Hughes.

Nessa segunda narrativa, percebemos que para Costello a arte, ao contrário do discurso racional filosófico, é capaz de despertar através da sensibilidade o valor ético, sendo o poeta capaz de perceber o ser além da razão - o ser-no-mundo. A literatura possui, então, função ética e não a função de “mudar o mundo”, embora alterações possam ser percebidas pelo efeito produzido em nossa percepção ética a partir da função estética presente nos romances. Através da análise dos poemas, Costello busca mostrar que por meio da literatura se torna possível despertar a simpatia, o sentimento de reconhecimento do outro, de ser capaz de pensar a existência de outro indivíduo. Talvez seja por essa “vantagem” da literatura frente à filosofia que Coetzee tenha optado por escrever duas narrativas ficcionais ao invés de dois ensaios filosóficos.

Considerações finais

Costello, ao longo de *A vida dos animais*, conquista a simpatia do leitor por defender uma questão ética. As falhas em seu raciocínio filosófico são constantemente apontadas por seus oponentes, contudo ganham uma relevância menor uma vez que o centro de sua defesa são os animais, exortando-nos a reconsiderar nossa devoção à razão como valor universal. Na segunda narrativa, sua argumentação adquire maior organicidade. Frente aos textos literários, Costello demonstra maior intimidade com o seu objeto de análise. São esses os textos, segundo a protagonista, capazes de abrir os nossos corações e despertar em nós a simpatia pelo outro.

Enquanto o discurso racional filosófico mostra-se impotente para nos servir de guia na direção correta, para nos auxiliar no reconhecimento do outro, para resolver nossas questões éticas, pois bloqueia as nossas simpatias, torna-se necessário que recorramos a algo que não seja a nossa faculdade racional, mas que seja capaz de tocar nosso coração, nossa emoção, estendendo-se para nossa relação com os outros seres (animais ou humanos): a literatura. Costello, ao final de sua última fala em Appleton College (transcrita ao início desse ensaio), recusa-se a continuar empregando o discurso racional (característica que a distingue dos demais animais) durante o debate com um dos acadêmicos da instituição, pois se nega a perceber a vida a partir de uma noção de razão que tem como característica a exclusão do domínio do *pathos*, encerrando assim sua participação em Appleton College, retornando para a Austrália e para os seus romances.

Referências

COETZEE, J. M. **A vida dos animais**. Tradução de José Rubens Siqueira; introdução e organização de Amy Gutmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

PAZ, Octávio. **Os filhos do barro**: do romantismo à vanguarda. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. A Modernidade em ruínas. In: _____. **Altas literaturas**: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ROSENFELD, Kathrin. **Coetzee**: apresentação de um pensador contemporâneo. Mal-Estar na Cultura: abril-novembro de 2010. Disponível em: <<http://www.malestarnacultura.ufrgs.br>>. Acesso em: 14 dez. 2010.